

**Guião de leitura**

**«Vicente»**

**In Miguel Torga, *Bichos***

***Metas Curriculares  
de Português***

**8.º ano**

**António Vilas-Boas / Manuel Vieira**

**Narrativa de autor português**

**SEBENTA**

**manual  
escolar**



[www.manualescolar2.0.sebenta.pt](http://www.manualescolar2.0.sebenta.pt)



## ***Metas Curriculares de Português e Programa de Português do Ensino Básico***

Este trabalho segue as *Metas Curriculares de Português* (MCP) que vieram, basicamente, atualizar o *Programa de Português do Ensino Básico* (PPEB) e libertá-lo de conteúdos ou conhecimentos considerados não essenciais.

Contudo, as MCP não substituem o PPEB. As propostas didáticas do PPEB e de documentos complementares como os respetivos guiões de implementação mantêm a sua validade.

A abordagem do conto «Vicente» de Miguel Torga, uma das leituras obrigatórias propostas pelas MCP para o 8.º ano, agora dada a público, foi construída tendo em consideração as relações entre as MCP e o PPEB acima referidas.

*Os autores*

## Oralidade (compreensão oral)

### Corrupção da Humanidade

O Senhor reconheceu que a maldade dos homens era grande na Terra, que todos os seus pensamentos e desejos tendiam sempre e unicamente para o mal. O Senhor arrependeu-Se de ter criado o homem sobre a Terra, e o Seu coração sofreu amargamente.

### Deus decide eliminar as suas criaturas

E o Senhor disse: «Eliminarei da face da Terra o homem que Eu criei, e, juntamente com o homem, os animais domésticos, os répteis e as aves dos céus, pois estou arrependido de os ter feito». Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor.

Este é o relato da descendência de Noé. Noé era um homem justo e perfeito, entre os homens do seu tempo, e andava sempre com Deus. Noé teve três filhos: Sem, Cam e Jafet.

(...)

### A construção da arca

Então Deus disse a Noé: «Constrói uma arca de madeiras resinosas. Dividi-la-ás em compartimentos e calafetá-la-ás com betume, por fora e por dentro. Hás de fazê-la desta maneira: o comprimento será de trezentos côvados, a largura de cinquenta côvados e a altura de trinta côvados. Ao alto, farás nela uma janela, à qual darás dimensão de um côvado. Colocarás a porta da arca a um lado, construirás nela um andar inferior, um segundo e um terceiro andar, pois vou lançar um dilúvio, que inundando tudo, eliminará debaixo do céu todo o ser animal, com sopro de vida».

### A grande inundação

Tendo Noé seiscentos anos de vida, no segundo mês, no dia dezassete do mesmo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e abriram-se as cataratas do céu. A chuva caiu sobre a Terra durante quarenta dias e quarenta noites. Naquele mesmo dia, Noé entrou na arca com Sem, Cam e Jafet, seus filhos, sua mulher e as três mulheres dos seus filhos; juntamente com eles, entraram os animais selvagens segundo as suas espécies, os animais domésticos segundo as suas espécies, os répteis que se arrastam pela terra, segundo as suas espécies e todos os animais voláteis, todas as aves, tudo quanto possui asas, segundo as suas espécies. (...)

Choveu torrencialmente durante quarenta dias sobre a terra. As águas cresceram e levantaram a arca, que foi elevada por sobre a terra. As águas iam sempre crescendo, engrossando e subiram muito acima da terra, e a arca flutuava à superfície das águas (...). Todas as criaturas que se moviam na terra pereceram (...).

## GUIA DO PROFESSOR

## Primeira audição / leitura

MCP – 08, 1.1, 1.2, 2.2, p. 56.

## 1.

**1.1** Tema: O castigo de Deus devido à maldade dos homens.

**1.2** Assunto: Deus decide castigar os homens devido à corrupção reinante, fazendo com que um dilúvio caia sobre a Terra. No entanto, vai preservar Noé e seus filhos e cada par de animais existentes, fazendo-os embarcar na arca.

**1.3** Tópicos:

- a.** A corrupção da humanidade;
- b.** Deus decide eliminar as suas criaturas;
- c.** A construção da arca;
- d.** A grande inundação;
- e.** O fim do dilúvio.

## O fim do dilúvio

Decorridos quarenta dias, Noé abriu a janela que havia feito na arca e soltou um corvo, que saiu repetidas vezes, enquanto iam secando as águas sobre a terra. Depois, soltou uma pomba, a fim de verificar se as águas tinham diminuído à superfície da Terra. Mas, não tendo encontrado sítio para pousar, a pomba regressou à arca, para junto dele, pois as águas cobriam ainda a superfície da Terra. Estendeu a mão, agarrou-a e meteu-a na arca. Aguardou sete dias; depois soltou novamente a pomba, que voltou para junto dele, à tarde, trazendo no bico uma folha verde de oliveira. Noé soube, então, que as águas tinham baixado sobre a Terra. Aguardou ainda mais sete dias, depois tornou a soltar a pomba, mas, desta vez, ela não regressou mais para junto dele.

*Bíblia Sagrada*, «Gênesis», Lisboa, Difusora Bíblica, 1994, pp. 9-11. (Texto adaptado).

- 1.** Atenta na leitura do texto e toma as tuas notas, preenchendo o quadro seguinte:

## Primeira audição / leitura

<b>1.1</b> Tema	
<b>1.2</b> Assunto	
<b>1.3</b> Tópicos	<b>a.</b>
	<b>b.</b>
	<b>c.</b>
	<b>d.</b>
	<b>e.</b>

GUIA DO PROFESSOR

Segunda audição / leitura

MCP – 08, 1.4, 2.3, p. 56.

2.

2.1 b.

2.2 O texto contém uma sucessão de instruções dadas por Deus a Noé sobre o modo como há de construir a arca, como se pode ver pelas formas verbais «calafetá-la-ás», «farás», «construirás», «Colocarás», «Dividi-la-ás».

3. c.

3.1 Deus dá um conjunto de ordens a Noé, daí o valor de obrigação que o futuro do indicativo possui neste contexto.

4. A.

Segunda audição / leitura

2. Centra a tua atenção no terceiro tópico do texto.

2.1 Escolhe a opção correta. Com esta sequência, ao dirigir-se a Noé, Deus pretende:

- a. informá-lo sobre a construção da arca;
- b. explicar-lhe a construção da arca;
- c. persuadi-lo a construir a arca;
- d. justificar a construção da arca.

2.2 Justifica a tua opção.

3. Escolhe a opção correta. O valor semântico do futuro do indicativo utilizado por Deus, quando se dirige a Noé, é de:

- a. sugestão;
- b. possibilidade;
- c. obrigação;
- d. permissão.

3.1 Justifica a tua opção.

4. Selecciona, dentre os textos seguintes, o que melhor sintetiza o que ouviste.

- A. Deus, amargurado com a maldade dos homens, decidiu eliminá-los da face da Terra, juntamente com os animais, através de um grande dilúvio. Ordenou a Noé que construísse uma arca na qual deveria embarcar com a mulher e os filhos, juntamente com um par de cada um dos animais existentes na Terra. Quarenta dias depois da grande inundação, Noé soltou um corvo e uma pomba; apenas esta regressou.
- B. Deus desiludiu-se com a imperfeição dos homens que criou e decidiu, por isso, eliminá-los da face da Terra através de uma grande inundação. Estabeleceu com Noé uma aliança e ordenou-lhe que construísse um barco onde ele deveria embarcar com alguns casais de animais devidamente selecionados. Quarenta dias após a grande inundação, Noé soltou um corvo e uma pomba que apenas regressaram sete dias depois.

## GUIA DO PROFESSOR

### Educação literária 8.º ano

MCP – Narrativa de autor português – Miguel Torga, «Vicente», in *Bichos*, p. 79.

### Motivação para a leitura vs pré-leitura

Além da proposta de motivação sugerida na atividade de compreensão oral, pode apresentar-se outra, mais específica, constituída pela seguinte **atividade de pré-leitura** baseada nas MCP, L7, 8. 1, p. 50 e que consiste em «Formular hipóteses sobre» o texto «e comprová-las com a respetiva leitura»:

1. No conto que vais ler, um corvo decide fugir da Arca, já perto do final do dilúvio.

Escolhe a única opção que te parece incorreta. Ele fugiu porque:

- a. queria encontrar os seus alimentos preferidos;
- b. a sua personalidade amava a liberdade;
- c. achava que não tinha culpa nenhuma pelos pecados da humanidade;
- d. detestava a confusão dos animais no interior da Arca.

**Solução:** a. Todas as outras hipóteses se podem comprovar no conto, principalmente no primeiro parágrafo.

### Vocabulário

<sup>1</sup> episódio bíblico; referência a um comportamento dos homens que levou Deus a castigá-los com o aparecimento de línguas diferentes: até tentarem construir a torre para atingirem Deus nos céus, os homens falavam todos a mesma língua

<sup>2</sup> pecados de natureza sexual (que Deus queria castigar)

**Nota:** mais vocabulário na página seguinte.

«Arca de Noé», de Edward Hicks  
(Museu de Arte de Filadélfia, 1846)



# Vicente

Miguel Torga, *Bichos*, Dom Quixote, 2002

Naquela tarde, à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas negras e partiu. Quarenta dias eram já decorridos desde que, integrado na leva dos escolhidos, dera entrada na Arca. Mas desde o primeiro instante que todos viram que no seu espírito não havia paz. Calado e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio onde o Senhor guardara a vida fosse um ultraje à criação. Em semelhante balbúrdia – lobos e cordeiros irmanados no mesmo destino –, apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus. Numa indignação silenciosa, perguntava: – a que propósito estavam os animais metidos na confusa questão da torre de Babel<sup>1</sup>? Que tinham que ver os bichos com as fornicacões<sup>2</sup> dos homens, que o Criador queria punir? Justos ou injustos, os altos desígnios que determinavam aquele dilúvio batiam de encontro a um sentimento fundo, de irreprimível repulsa. E, quanto mais inexorável<sup>3</sup> se mostrava a prepotência<sup>4</sup>, mais crescia a revolta de Vicente.

Quarenta dias, porém, a carne fraca<sup>5</sup> o prendeu ali. Nem mesmo ele poderia dizer como descera do Líbano<sup>6</sup> para o cais de embarque e, depois, na Arca, por tanto tempo recebera das mãos servis de Noé a ração quotidiana. Mas pudera vencer-se. Conseguira, enfim, superar o instinto da própria conservação, e abrir as asas de encontro à imensidão terrível do mar.

A insólita partida foi presenciada por grandes e pequenos num respeito calado e contido. Pasmados e deslumbrados, viram-no, temerário, de peito aberto, atravessar o primeiro muro de fogo com que Deus lhe quis impedir a fuga, sumir-se ao longe nos confins do espaço. Mas ninguém disse nada. O seu gesto foi naquele momento o símbolo da universal libertação. A consciência em protesto ativo contra o arbítrio<sup>7</sup> que dividia os seres em eleitos e condenados.

Mas ainda no íntimo de todos aquele sabor de resgate, e já do alto, larga como um trovão, penetrante como um ralo<sup>8</sup>, terrível, a voz de Deus:

– Noé, onde está o meu servo Vicente?

Bípedes e quadrúpedes ficaram petrificados.

30 Sobre o tombadilho varrido de ilusões, desceu, pesada, uma mortalha de silêncio.  
- Novamente o Senhor paralisara as consciências e o instinto, e reduzia a uma  
- pura passividade vegetativa o resíduo da matéria palpitante.  
- Noé, porém, era homem. E, como tal, aprestou as armas de defesa.  
- – Deve andar por aí... Vicente! Vicente! Que é do Vicente?!...  
35 Nada.  
- – Vicente!... Ninguém o viu? Procurem-no!  
- Nem uma resposta. A criação inteira parecia muda.  
- – Vicente! Vicente! Em que sítio é que ele se meteu?  
- Até que alguém, compadecido da mísera pequenez daquela natureza, pôs fim  
40 à comédia.  
- – Vicente fugiu...  
- – Fugiu?! Fugiu como?  
- – Fugiu... Voou...  
- Bagadas de suor frio alagaram as têmporas do desgraçado. De repente, bam-  
45 bearam-lhe<sup>9</sup> as pernas e caiu redondo no chão.  
- Na luz pardacenta do céu houve um eclipse momentâneo. Pelas mãos invisí-  
- veis de quem comandava as fúrias, como que passou, rápido, um estremecimento  
- de hesitação.  
- Mas a divina autoridade não podia continuar assim, indecisa, titubeante, à mer-  
50 cê da primeira subversão. O instante de perplexidade durou apenas um instante.  
- Porque logo a voz de Deus ribombou de novo pelo céu imenso, numa severidade  
- tonitruante.  
- – Noé, onde está o meu servo Vicente?  
- Acordado do desmaio poltrão, trémulo e confuso, Noé tentou justificar-se.  
55 – Senhor, o teu servo Vicente evadiu-se. A mim não me pesa a consciência de o  
- ter ofendido, ou de lhe haver negado a razão devida. Ninguém o maltratou aqui.  
- Foi a sua pura insubmissão que o levou... Mas perdoa-lhe, e perdoa-me também a  
- mim... E salva-o, que, como tu mandaste, só o guardei a ele...  
- – Noé!... Noé!...  
60 E a palavra de Deus, medonha, troou de novo pelo deserto infinito do firma-  
- mento. Depois, seguiu-se um silêncio mais terrível ainda. E, no vácuo em que  
- tudo parecia mergulhado, ouvia-se, infantil, o choro desesperado do Patriarca,  
- que tinha então seiscentos anos de idade.  
- Entretanto, suavemente, a Arca ia virando de rumo. E a seguir, como que guiada  
65 por um piloto encoberto, como que movida por uma força misteriosa, apressada  
- e firme – ela que até ali vogara indecisa e morosa ao sabor das ondas –, dirigiu-se  
- para o sítio onde quarenta dias antes eram os montes da Arménia.  
- Na consciência de todos a mesma angústia e a mesma interrogação. A que re-  
- presálias recorrerá agora o Senhor? Qual seria o fim daquela rebelião?

### Vocabulário

- <sup>3</sup> inflexível
- <sup>4</sup> tirania
- <sup>5</sup> a necessidade
- <sup>6</sup> região onde  
Vicente vivia antes  
do dilúvio
- <sup>7</sup> tirania
- <sup>8</sup> ruído forte
- <sup>9</sup> fraquejaram-lhe



70 Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror. Iria Deus  
 - obrigar o corvo a regressar à barca? Iria sacrificá-lo, pura e simplesmente, para  
 - exemplo? Ou que iria fazer? E teria Vicente resistido à fúria do vendaval, à escuri-  
 - dão da noite e ao dilúvio sem fim? E, se vencera tudo, a que paragens arribara? Em  
 - que sítio do universo havia ainda um retalho de esperança?

75 Ninguém dava resposta às próprias perguntas. Os olhos cravaram-se na distân-  
 - cia, os corações apertavam-se num sentimento de revolta impotente, e o tempo  
 - passava.

- Subitamente, um lince de visão mais penetrante viu terra. A palavra, gritada a  
 - medo, por parecer ou miragem ou blasfémia, correu a Arca de lés a lés como um  
 80 perfume. E toda aquela fauna desiludida e humilhada subiu acima, ao convés, no  
 - alvoroço grato e alentador de haver ainda chão firme neste pobre universo.

- Terra! Nem planaltos, nem veigas, nem desertos. Nem mesmo a macicez tran-  
 - quilizadora dum monte. Apenas a crista de um cerro a emergir das vagas. Mas bas-  
 - tava. Para quantos o viam, o pequeno penhasco resumia a grandeza do mundo.

85 Encarnava a própria realidade deles, até ali transfigurados em meros fantasmas  
 - flutuantes. Terra! Uma minúscula ilha de solidez no meio dum abismo movediço,  
 - e nada mais importava e tinha sentido.

- Terra! Desgraçadamente, a doçura do nome trazia em si um travor. Terra... Sim,  
 - existia ainda o ventre quente da mãe. Mas o filho? Mas Vicente, o legítimo fruto  
 90 daquele seio?

- Vicente, porém, vivia. À medida que a barca se aproximava, foi-se clarificando  
 - na lonjura a sua presença esguia, recortada no horizonte, linha severa que limita-  
 - va um corpo, e era ao mesmo tempo um perfil de vontade.

- Chegara! Consequira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação  
 95 vingada.

- Simplesmente, as águas cresciam sempre, e o pequeno outeiro, de segundo a  
 - segundo, ia diminuindo.

- Terra! Mas uma porção de tal modo exígua, que até os mais confiados a fixavam  
 - ansiosamente, como a defendê-la da voragem. A defendê-la e a defender Vicente,  
 100 cuja sorte se ligara inteiramente ao telúrico destino.

- Ah, mas estavam «rotas as fontes do grande abismo e abertas as cataratas do  
 - céu»! E homens e animais começaram a desesperar diante daquele submergir ir-  
 - remediável do último reduto da existência ativa. Não, ninguém podia lutar con-  
 - tra a determinação de Deus. Era impossível resistir ao ímpeto dos elementos, co-  
 105 mandados pela sua implacável tirania.

- Transida, a turba sem fé fitava o reduzido cume e o corvo pousado em cima.  
 - Palmo a palmo, o cabeça fora devorado. Restava dele apenas o topo, sobre o qual,  
 - negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo meio,  
 - impávido, permanecia Vicente. Como um espetador impessoal, seguia a Arca que  
 110 vinha subindo com a maré. Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento  
 - todas as consequências da opção. Olhava a barca, sim, mas para encarar de frente  
 - a degradação que recusara.



GUIA DO PROFESSOR

Leitura

MCP – L8, 8.1, 9.1, 9.2, 9.3, 9.8, p. 58; L7, 8.8 e), p. 51, EL8, 20.1, 20.2, 20.3, 21.1, 21.2, 21.3, pp. 60-61.

1.

1.1 «(...) apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus», ll. 7-8.

1.2 A origem deste sentimento estava no facto de Vicente entender que não tinha de estar ali retido devido aos pecados da humanidade. Ele nada tinha que ver com esses pecados.

2. Vicente teve de atravessar um muro de fogo (obstáculo criado por Deus para o impedir de fugir).

3.

3.1 Trata-se da fuga de Vicente, que, desse modo, se revolta, subvertendo a ordem imposta por Deus: ninguém podia sair da Arca sem a Sua autorização.

4.

4.1 c.

- Noé e o resto dos animais assistiam mudos àquele duelo entre Vicente e Deus.
- E no espírito claro ou brumoso de cada um, este dilema, apenas: ou se salvava o pedestal que sustinha Vicente, e o Senhor preservava a grandeza do instante
- genesíaco – a total autonomia da criatura em relação ao criador –, ou, submerso o ponto de apoio, morria Vicente, e o seu aniquilamento invalidava essa hora
- suprema. A significação da vida ligara-se indissoluvelmente ao ato de insubordinação. Porque ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. Sangue, respiração,
- seiva de seiva, era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que, calma e
- obstinadamente, pousado na derradeira possibilidade de sobrevivência natural,
- desafiava a onipotência.
- Três vezes uma onda alta, num arranco de fim, lambeu as garras do corvo, mas
- três vezes recuou. A cada vaga, o coração frágil da Arca, dependente do coração
- resoluto de Vicente, estremeceu de terror. A morte temia a morte.
- Mas em breve se tornou evidente que o Senhor ia ceder. Que nada podia contra
- aquela vontade inabalável de ser livre.
- Que, para salvar a sua própria obra, fechava, melancolicamente, as comportas
- do céu.

Leitura

1. Atenta no primeiro parágrafo.

1.1 Identifica a frase que comprova que Vicente era diferente dos outros animais que se encontravam na Arca.

1.2 Explica a origem do sentimento de «revolta» de Vicente, ll. 8-14.

2. Identifica o facto extraordinário ocorrido aquando da fuga de Vicente.

3. Atenta na expressão «(...) à mercê da primeira subversão», ll. 49-50.

3.1 Explicita de que «subversão» se trata.

4. Noé, respondendo à pergunta de Deus, que quer saber onde está Vicente, l. 53, diz que ele praticou um ato de «insubmissão», l. 57.

4.1 Escolhe a opção correta. Esta afirmação de Noé está correta porque Vicente, o corvo:

- a. se revelou corajoso, aventureiro, ao fugir da Arca;
- b. quis mostrar aos outros animais que já estavam há demasiado tempo na Arca;
- c. fugiu, desobedecendo a uma força superior sob cuja alçada estava – Deus;
- d. pretendeu, com esta atitude, mostrar que não receava nada nem ninguém.

GUIA DO PROFESSOR

4.2 «rebelião».

5.

**5.1 a.** Comportamentos: pessoas e animais presentes na Arca viram a partida de Vicente com «respeito calado e contido», ll. 20-21; quando Deus perguntou pela primeira vez a Noé onde estava Vicente, todos «ficaram petrificados» pelo medo, l. 29; outros comportamentos comuns são facilmente detetáveis no texto.

**5.1 b.** Sentimentos: de «angústia», l. 68, e de humilhação – «fauna desiludida e humilhada», l. 80; outros sentimentos comuns se podem detetar no texto.

6.

**6.1** Avistaram simplesmente um «penhasco», isto é, um pequeno cimo de um monte que sobressaía das águas.

**6.2.1 b.:** trata-se de um advérbio conectivo com valor adversativo; neste caso, serve para marcar o contraste entre uma terra desejada, fértil, e o «pequeno penhasco», que, embora não passando disso, era uma promessa de terra, do fim do sacrifício de 40 dias na Arca.

7.

**7.1** A «crista de um cerro» é a parte mais alta de um monte; do mesmo modo que a parte mais alta da cabeça de certas aves tem a designação de crista, por analogia, chama-se crista de um monte, de uma montanha, de uma serra à sua parte mais alta; mas trata-se de uma parte que, além de estar no alto da montanha, tem outra característica comum com a crista das aves: tem aparência pontiaguda.

**7.2** A última metáfora do conto é «as comportas do céu».

**7.2.1** Trata-se de uma metáfora muito expressiva literariamente: do mesmo modo que pelas comportas (portas móveis que seguram as águas de uma barragem) sai, quando são abertas, água com muita força e em grande abundância, também do céu cairá imensa quantidade de água. As «comportas» são, assim, metáfora das nuvens. De notar ainda que a água da chuva cai num percurso vertical, de cima para baixo, e a que sai das comportas também.

8.

**8.1** As duas primeiras frases são do tipo exclamativo. ►

**4.2** Atenta no segmento textual: «Na consciência de todos a mesma angústia e a mesma interrogação. A que represálias recorrerá agora o Senhor? Qual seria o fim daquela rebelião?», ll. 68-69.

Identifica a única palavra nele presente que se pode aproximar, pelo sentido, da palavra «insubmissão».

**5.** A comunidade de pessoas e de animais presente na Arca pode ser considerada uma personagem coletiva, pois apresenta comportamentos e sentimentos comuns.

**5.1** Identifica:

**a.** dois desses comportamentos;

**b.** dois desses sentimentos.

**6.** A certa altura, os passageiros da Arca avistam, pela primeira vez, terra – «Terra!», l. 82.

**6.1** Indica exatamente o que foi avistado.

**6.2** Tem em atenção a frase:

«Para quantos o viam, [-----], o pequeno penhasco resumia a grandeza do mundo.», l. 84.

**6.2.1** Dos quatro conectores interfrásicos seguintes, apenas um poderia ser colocado no espaço em branco, de acordo com o sentido do texto. Identifica-o e justifica:

**a.** por isso;

**b.** porém;

**c.** porque;

**d.** logo que.

**7.** Tem em atenção o segmento textual que começa em «Terra!», l. 82, e termina em «tinha sentido», l. 87.

**7.1** A palavra «crista», com o significado que aqui adquire na expressão «crista de um cerro», foi, na origem, uma metáfora. Explica como isso foi possível.

**7.2** Identifica a metáfora presente na última frase do conto.

**7.2.1** Explica a sua expressividade literária.

**8.** Atenta no segmento textual: «Chegara! Conseguira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação vingada», ll. 94-95.

**8.1** Identifica o tipo de frase predominante neste segmento.

**8.1.2** Relaciona-o com o estado de alma dos passageiros da Arca, justificando.

9. A partir desse momento trava-se um «duelo entre Vicente e Deus», l. 113.

9.1 Explica os contornos dessa luta.

10. No livro *Bichos*, de Miguel Torga, há outros contos além de «Vicente» em que os animais surgem personificados, isto é, apresentando características, comportamentos, atitudes, sentimentos humanos.

10.1 Escolhe a opção incorreta. No caso desta ave, as suas atitudes lembram as pessoas que:

- a. se revoltam contra injustiças, mesmo quando ninguém as acompanha;
- b. são, por natureza, insatisfeitas, não se acomodam a situações de humilhação;
- c. prezam a liberdade, sendo capazes de tudo, de enfrentar todos os perigos, para a alcançar;
- d. se acomodam a situações que rebaixam a condição humana.

## Gramática

### Recorda

#### A. Primeira versão

1. Associa os elementos das colunas A e B de modo a obteres afirmações verdadeiras:

A	B
1.1 Na frase « <b>A insólita partida</b> foi presenciada por grandes e pequenos», l. 20, a expressão destacada tem a função sintática de	a. predicativo do sujeito.
1.2 Na frase «A insólita partida <b>foi presenciada por grandes e pequenos</b> », l. 20, a secção destacada tem a função sintática de	b. complemento direto.
1.3 Na frase «A insólita partida foi presenciada <b>por grandes e pequenos</b> », l. 20, a expressão destacada tem a função sintática de	c. vocativo.
1.4 Na frase « <b>Noé</b> , onde está o meu servo Vicente?», l. 28, a palavra destacada tem a função sintática de	d. complemento oblíquo.
1.5 Na frase «Bípedes e quadrúpedes ficaram <b>petrificados</b> », l. 29, a palavra destacada tem a função sintática de	e. sujeito.
1.6 Na frase «Entretanto, <b>suavemente</b> , a Arca ia mudando de rumo», l. 64, a palavra destacada tem a função sintática de	f. complemento indireto.

(cont.)

## GUIA DO PROFESSOR

8.1.2 Este tipo de frase é adequado ao estado de alma de satisfação dos passageiros da Arca, admirados e felizes por constatarem que o ato de rebelião de Vicente – afinal um deles! – os vingava da provação sofrida.

9.

9.1 Deus, para obrigar Vicente a regressar à Arca, fez com que as águas subissem de modo a quase taparem o pequeno penhasco sobre o qual Vicente estava pousado; mas Vicente, apesar de molhado pelas águas mandadas por Deus, resistiu. De tal modo, com tal coragem, com tal vontade de ser livre, que Deus cedeu: as águas desceram.

10.

10.1 d.

### Gramática

#### Recorda

Exercícios que retomam matéria gramatical de 7.º ano: MCP – G7, 23.2, p. 55.

1.

1.1 e); 1.2 h); 1.3 g); 1.4 c);

1.5 a); 1.6 i) – ver nota;

1.7 b); 1.8 d); 1.9 f).

#### Nota:

As duas versões apresentadas para o mesmo exercício permitem ao professor optar por um dos seguintes percursos:

A. trabalhar as funções sintáticas, à luz das MCP, sem explicitação dos conceitos relativos a grupos frásicos;

B. trabalhar as funções sintáticas, sob o pressuposto de que o conhecimento dos grupos frásicos é fundamental para a aprendizagem das funções sintáticas.

(continuação)

A	B
<b>1.7</b> Na frase «Subitamente, um lince de visão mais penetrante viu <b>terra</b> », l. 78, a palavra destacada tem a função sintática de	<b>g.</b> complemento agente da passiva.
<b>1.8</b> Na frase <i>Deus ordenou a Moisés que entrasse na Arca</i> , a expressão destacada tem a função sintática de	<b>h.</b> predicado.
<b>1.9</b> Na frase <i>Deus ordenou a Moisés que entrasse na Arca</i> , a expressão destacada tem a função sintática de	<b>i.</b> modificador [de grupo verbal].

## B. Segunda versão

1. Associa os elementos das colunas A e B de modo a obteres afirmações verdadeiras:

A	B
<b>1.1</b> Na frase « <b>A insólita partida</b> foi presenciada por grandes e pequenos», l. 20, o grupo nominal (GN) destacado tem a função sintática de	<b>a.</b> predicativo do sujeito.
<b>1.2</b> Na frase «A insólita partida <b>foi presenciada por grandes e pequenos</b> », l. 20, o grupo verbal (GV) destacado tem a função sintática de	<b>b.</b> complemento direto.
<b>1.3</b> Na frase «A insólita partida foi presenciada <b>por grandes e pequenos</b> », l. 20, o grupo preposicional (GPrep) destacado tem a função sintática de	<b>c.</b> vocativo.
<b>1.4</b> Na frase « <b>Noé</b> , onde está o meu servo Vicente?», l. 28, o grupo nominal (GN) destacado tem a função sintática de	<b>d.</b> complemento oblíquo.
<b>1.5</b> Na frase «Bípedes e quadrúpedes ficaram <b>petrificados</b> », l. 29, o grupo adjetival (GAdj) destacado tem a função sintática de	<b>e.</b> sujeito.
<b>1.6</b> Na frase «Entretanto, <b>suavemente</b> , a Arca ia mudando de rumo», l. 64, o grupo adverbial (GAdv) destacado tem a função sintática de	<b>f.</b> complemento indireto.
<b>1.7</b> Na frase «Subitamente, um lince de visão mais penetrante viu <b>terra</b> », l. 78, o grupo nominal (GN) destacado tem a função sintática de	<b>g.</b> complemento agente da passiva.
<b>1.8</b> Na frase <i>Deus ordenou a Moisés que entrasse na Arca</i> , o grupo preposicional (GPrep) destacado tem a função sintática de	<b>h.</b> predicado.
<b>1.9</b> Na frase <i>Deus ordenou a Moisés que entrasse na Arca</i> , o grupo preposicional (GPrep) destacado tem a função sintática de	<b>i.</b> modificador [de grupo verbal].

## Expressão escrita

Escreve um texto que tenha entre 120 e 150 palavras no qual comentes, apresentando uma posição pessoal justificada, a seguinte afirmação:

*O instinto de liberdade é muito forte nos animais, até nos domésticos o encontramos.*

Tem em atenção as seguintes instruções:

- organiza o teu texto em três partes bem definidas: introdução, desenvolvimento e conclusão;
- na introdução apresenta, com clareza, o sentido do teu comentário, referindo se concordas ou não concordas (no todo, em parte...) com a posição apresentada;
- utiliza expressões apropriadas para expressar a tua opinião: *entendo que, estou convencido de que, penso que*, entre outras;
- se possível, comprova a tua opinião com exemplos de animais domésticos de que tenhas conhecimento;
- terminado o texto, ou no decurso da sua produção, mostra-o ao professor para que ele o avalie, colaborando contigo, se necessário, no seu aperfeiçoamento, promovendo a sua reformulação (corrigindo a pontuação, as repetições desnecessárias, etc.).

## Oralidade (expressão oral)

Faz a apresentação de um animal cujas qualidades físicas e psicológicas admires, justificadamente, com eventual recurso a um *PowerPoint*.

### Planifica a tua apresentação (o teu discurso):

- escolhe o animal;
- refere, se for caso disso, o conhecimento pessoal que tenhas dele;
- faz pesquisas sobre o animal (em enciclopédias e outras publicações);
- procura, seleciona ou tira fotografias desse animal;
- faz uma lista das suas qualidades que mais admiras;
- para cada uma delas acrescenta uma justificação breve;
- elabora uma lista de conectores que contribuam para:
  - organizares o teu discurso;
  - iniciares as tuas justificações.

Elabora a planificação sob supervisão do teu professor.

### Apresenta o teu discurso

- Tempo: cinco minutos.
- Organiza o teu discurso nas três partes estruturantes: introdução, desenvolvimento, conclusão.
- Antes de começares, analisa a grelha de autoavaliação seguinte para saberes exatamente em que aspetos vai incidir a avaliação.

## GUIA DO PROFESSOR

### Expressão escrita

MCP – E8, 18.6 e 19.1, p. 60.

### Oralidade (expressão oral)

MCP – O8, 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5, 5.2, 5.3, p. 57.

### Notas:

Pode solicitar a planificação como TPC, supervisionando-a.

Na apresentação, o aluno pode recorrer, ou não, a «ferramentas tecnológicas».

A autoavaliação incide, neste caso, somente sobre «recursos verbais»; é dada ao aluno a possibilidade de uma segunda apresentação, no caso de a primeira não se revelar satisfatória.

A grelha de autoavaliação deve ser projetada e analisada com os alunos para estes saberem exatamente os aspetos sobre os quais vai incidir a avaliação.

Esta grelha pode ser utilizada como grelha de heteroavaliação: nesse caso, promova a sua utilização por dois alunos que avaliarão o colega. Com base no que for dito por eles e na sua opinião própria, decida da necessidade ou não de segunda apresentação. Caso esta se verifique necessária, pode, ou não, ser feita de imediato; pode, até, ser feita noutra aula, mas não convém um intervalo grande entre uma e outra.

## Avalia o teu discurso

AUTOAVALIAÇÃO											
Aspetos a observar		1.ª apresentação					2.ª apresentação				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Introdução	Indiquei o animal.										
	Justifiquei a escolha de um modo geral.										
Desenvolvimento	Apresentei características físicas e psicológicas do animal dignas de admiração.										
	Justifiquei os motivos dessa admiração.										
	Utilizei conectores apropriados de natureza causal para iniciar as justificações ( <i>porque, já que, uma vez que...</i> ).										
	Utilizei marcadores discursivos apropriados para organizar o meu discurso ( <i>Em primeiro lugar, em segundo lugar, por um lado, por outro, além disso, finalmente, para concluir...</i> ).										
Conclusão	Terminei referindo, de forma breve, a minha admiração pelo animal.										